

METAPRAGMÁTICAS DA 'REDAÇÃO' CIENTÍFICA DE 'ALTO IMPACTO'

Metapragmatic instruction on high-impact scientific writing in São Paulo public institutions

Inês SIGNORINI¹

Resumo | Neste artigo, são identificados e descritos os processos de natureza ideológica (ideologias linguísticas e indexação de formas) e sociossemiótica (objetivação artefactual e essencialização) que sustentam os metadiscursos sobre escrita científica de porta-vozes de instituições públicas paulistas envolvidas com a internacionalização da pesquisa orientadas por parâmetros de ranqueamento de organismos internacionais. O *corpus* de referência é composto de materiais videogravados, além de materiais escritos, produzidos e/ou divulgados desde 2010 nas instituições e disponibilizados na internet. Orientam as análises os estudos socioantropológicos, sociossemióticos e pragmáticos das ideologias linguísticas e suas implicações para a apreensão da mediação escrita nas práticas sociais. Os principais resultados das análises apresentadas são interrelacionados: a redução da comunicação científica à produção de um artefato linguístico, cuja principal referência é a "redação" do texto expositivo-argumentativo da tradição escolar; o conseqüente apagamento das tensões, contradições e ambigüidades geradas pelos modelos de apreensão da escrita científica frente à dinâmica da indústria editorial transnacional.

Palavras-chave | Escrita científica. Metapragmática. Globalização. Ideologias linguísticas.

Abstract | This paper examines influential institutional metadiscourses on high-impact scientific writing produced and/or disseminated by public universities and a research institute in São Paulo State (Brazil), whose globalization local policies are oriented by international university rankings. Our results demonstrate how ideological and socio-semiotic processes (linguistic ideologies and indexicalization; artifactual objectification and essentialization) support the metapragmatics of scientific writing displayed in the focused documents. The analyzed corpus is composed of videotaped materials, as well as written materials, produced and /or disseminated since 2010 by the institutions and made available on the Internet. The analyses are oriented by socio-anthropological, socio-semiotic and pragmatic studies of linguistic ideologies and their implications for the apprehension of literacy in social practices. The results of the analyzes are interrelated: the reduction of scientific communication to an autonomous and transparent linguistic artifact, inspired by the expository-argumentative text of the Brazilian school tradition and by positivist epistemologies modeled on the natural sciences; the consequent erasure of the tensions, contradictions and ambiguities generated by this model of apprehension of scientific writing within the dynamics of the transnational publishing industry.

Keywords | Scientific writing. Metapragmatics. Globalization. Language ideologies.

¹ Signorini. Unicamp. Endereço eletrônico: signor@iel.unicamp.br

Introdução

Neste artigo, são focalizados eventos e materiais de ensino presencial ou a distância sobre escrita científica orientada pela demanda crescente de internacionalização da produção científica, produzidos e/ou divulgados desde 2010 por instituições públicas de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo. O *corpus* específico de referência é composto de cursos, entrevistas e palestras videogravadas, além de materiais escritos, divulgados pelas instituições e disponibilizados na internet, cujo objeto de ensino ou de reflexão são as metapragmáticas de uma escrita científica que pretende atender às necessidades, ou exigências, de uma audiência transnacional, ou globalizada.

Estamos compreendendo metapragmáticas da escrita como as manifestações de uma reflexão metalinguística e metacomunicativa voltada para o uso de uma dada língua na comunicação social mediada por materiais escritos (SIGNORINI, 2008; SILVERSTEIN, 1993; MEY, 2001). No caso da escrita visando as audiências transnacionais, trata-se de uma reflexão sobre o uso da língua na produção do artigo científico dito “de alto impacto” no mercado globalizado. O *corpus* aqui focalizado é composto essencialmente de metadiscursos sobre como são ou como devem ser escritas as publicações destinadas a circular no espaço-tempo da globalização ou transnacionalização d’“a” ciência. Trata-se de um espaço-tempo tido como unificado e plano, ou homogêneo, ou seja, sem obstáculos ou “entraves” à circulação dos fluxos que o atravessam e constituem: “a ciência é uma só”; “a ciência é universal”.

Segundo essa visão, fluxos são feitos de vetores móveis: tanto pessoas, quanto recursos, dispositivos, práticas, saberes e, no caso da pesquisa científica, documentos orais e escritos permeando tudo, multi-hipermodais inclusive. Com a automação crescente dos processos de busca, extração (descontextualização), classificação, indexação, codificação, leitura (recontextualização) e mesmo produção automática (entextualização) de textos, as redes – inclusive robóticas – mediadas pelas tecnologias digitais passam a ser um elemento constitutivo desses fluxos.

Mas como, nessa perspectiva, a questão da mobilidade não se coloca em função de níveis e escalas contextuais, ou seja, em função de fatores ou linhas de força que são externos ou vindos de fora, os documentos escritos adquirem (ou não) mobilidade – isto é, tornam-se (ou não) vetores móveis – na condição de objetos autônomos, ou seja, sustentados por propriedades ou características próprias, no sentido de internas ou intrínsecas, independentemente de quaisquer outros fatores². Nessa perspectiva,

² Nos termos de um manual de grande circulação no Brasil e que em 2017 já estava em sua 24ª edição: “Todo trabalho científico, seja ele uma tese, um texto didático, um artigo ou uma simples resenha deve constituir uma totalidade de inteligibilidade, estruturalmente orgânica, deve formar uma unidade com sentido intrínseco e autônomo” (SEVERINO, 2000, p. 82).

ficam, pois, excluídos os fatores geopolíticos, por exemplo (posição do autor/grupo de pesquisa/instituição/país nas redes transnacionais de poder e autoridade).

Contudo, uma vez que tais fluxos são em grande parte controlados pelo poder econômico representado pelas casa transnacionais de edição, em sua maioria funcionando em inglês³, são os padrões editoriais em língua inglesa e seus dispositivos de tratamento e avaliação/divulgação/comercialização de textos científicos os que vão inspirar – na maior parte das vezes vão moldar – as metapragmáticas da escrita indexicalizadas pelas políticas institucionais de incentivo à globalização da produção científica nos contextos aqui referidos.

Com a implementação de políticas institucionais mais agressivas de incentivo à publicação “de alto impacto”, a questão da escrita de artigos científicos vem adquirindo grande visibilidade no âmbito das instituições públicas do Estado de São Paulo. O seu valor estratégico, sobretudo em função de ranqueamentos internacionais (“*world class universities*”)⁴, tem justificado e legitimado a criação de espaços e órgãos especificamente dedicados a sanar o déficit local nesse quesito (a esse respeito, ver SIGNORINI, no prelo).

Como esclarece uma matéria publicada em 14 de outubro de 2013 num *blog* do jornal *on-line Estadão*⁵, o impacto da produção científica é “um dos critérios mais valorizados nos rankings internacionais para medir a excelência de uma instituição”, e visto que “esse é mais um ponto fraco das universidades brasileiras”, acaba sendo um ponto fraco da ciência brasileira como um todo, uma vez que “são as universidades as principais responsáveis pela pesquisa no País.”. Mas, conforme enfatizado em outra matéria publicada pela *Folha de São Paulo*, caderno *Ciência*, de 22 de abril do mesmo ano⁶, o problema não está exatamente na falta de publicações, cujo número vem crescendo significativamente desde as últimas décadas, mas no de citações, ou seja, na suposta falta de repercussão dessas publicações no mundo científico global. Mais recentemente, esse mesmo jornal, além de outros órgãos da grande imprensa, tem dado visibilidade a critérios

3 Sobre o funcionamento dessa indústria, é esclarecedor o artigo “Is the staggeringly profitable business of scientific publishing bad for science?”, de S. Buranyi, publicado pelo jornal *The Guardian* em 17.06.2017 (Disponível em: <https://www.theguardian.com/science/2017/jun/27/profitable-business-scientific-publishing-bad-for-science>. Acesso em: 06 set. 2017).

4 Por exemplo, os produzidos pela companhia inglesa THE-Times High Education (disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings>) e pela chinesa Shanghai Ranking Consultancy (disponível em: <http://www.shanghairanking.com/ARWU2017.html>), entre outros.

5 Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/herton-escobar/universidades-brasileiras-em-busca-da-excelencia-parte-1/>. Acesso em: 06 set. 2017.

6 Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2013/04/1266521-brasil-cresce-em-producao-cientifica-mas-indice-de-qualidade-cai.shtml>. Acesso em: 06 set. 2017.

de ranqueamento julgados de interesse para o público interno, sobretudo estudantes, mas também de interesse publicitário para as instituições⁷.

Em resposta às necessidades assim criadas, a questão da escrita científica no contexto específico das instituições públicas paulistas preocupadas com os ranqueamentos é geralmente colocada sob dois ângulos: o das dificuldades com o inglês, que supostamente isola os pesquisadores dos canais globalizados de comunicação, e o das dificuldades com o gênero escrito de maior prestígio na comunidade científica internacional, o que supostamente inviabiliza suas produções no mercado global. Em decorrência, dá-se a multiplicação, como no período aqui focalizado, da oferta de cursos, oficinas e seminários de “redação científica” promovidos pelas universidades e institutos de pesquisa no bojo de suas ações de implementação de políticas de internacionalização. São eventos ministrados tanto por representantes da indústria editorial transnacional anglófono, que descrevem seus próprios parâmetros de avaliação da escrita científica, quanto pelos porta-vozes locais, que se propõem a esclarecer e ensinar os mesmos parâmetros.

Neste artigo, interessa-nos mostrar como esses porta-vozes locais lidam, em seus metadiscursos, com os parâmetros impostos pelo mercado transnacional, ou seja, de que forma fazem tais parâmetros fazer sentido para os que estão fora e almejam entrar nesse mercado, sobretudo pesquisadores em formação, não só de São Paulo, graças à internet. Os impedimentos do inglês não costumam ser tematizados, uma vez que a premissa subjacente é a de que publicação relevante se faz em língua inglesa, ou numa forma decalcada do inglês: “nós temos que pensar em inglês”⁸. Nesse sentido, são relevantes os processos de diferenciação linguística (identificação de marcas e fronteiras da escrita científica) e de indexicalização das formas linguísticas e textuais a valores, identidades e comportamentos sociais dados como típicos, ou seja, como típicos d’“a” comunidade científica, ou d’“o” cientista.

7 Listas que posicionam diferentemente as universidades brasileiras entre si, a depender do critério de referência: Ranking de universidades (o mais geral), Ranking de pesquisa, Ranking de ensino, Ranking de inovação, Ranking de internacionalização e Ranking de mercado. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2017/ranking-de-universidades/ranking-por-internacionalizacao/>. Acesso em: 10 out. 2017.

8 Essa premissa é comum a todos os metadiscursos aqui focalizados, mas adquire maior visibilidade no “Curso de Escrita Científica – Produção de Artigos de Alto Impacto”, inicialmente divulgado pela USP (disponível em: <http://www.escritacientifica.sc.usp.br/cursos-on-line/>) e ministrado em português, mas que tem como objeto de estudo textos escritos em inglês. Essa sobreposição nem sempre, porém, é bem aceita por uma audiência mais ampla, como a do Youtube. É o que se pode verificar nos comentários dos internautas, já no primeiro dos oito módulos que compõem o curso (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptPaR0&t=39s>).

Interessa-nos também mostrar o processo correlacionado de naturalização da apreensão dessa escrita objetivada nos modelos de referência como reflexo ou ícone da racionalidade científica, e não como um dos recursos de construção dessa racionalidade em práticas sociocultural e historicamente situadas. Por serem “ideologicamente saturadas” (SILVERSTEIN, 2003; AGHA, 2003, 2007; IRVINE; GAL, 2009), as metapragmáticas da escrita científica explicitadas nesses metadiscursos não apenas descrevem, como também justificam e racionalizam o que prescrevem como (in) adequado.

As seguintes questões orientaram o exame do *corpus* e a produção das análises apresentadas:

1. Em que consiste a escrita científica “de alto impacto” no mercado globalizado, segundo os metadiscursos produzidos e/ou divulgados em âmbito institucional pelos porta-vozes autorizados?
2. Quais são suas bases de sustentação no campo dos estudos da produção escrita?
3. Que aspectos das práticas letradas que constituem os processos de produção e divulgação da pesquisa científica (não) são contemplados?

O exame de metadiscursos sobre a escrita científica produzidos por cientistas brasileiros que atuam em instituições estrangeiras nos serviu de contraponto e nos permitiu identificar com maior clareza os aspectos de interesse acima referidos. É o que se pode ver na próxima seção deste artigo, em que é focalizado um *post* publicado em *blog* institucional por um imunologista formado médico no Brasil e tornado cientista em laboratórios americanos⁹. Nas seções subsequentes, são focalizados materiais representativos do *corpus* relacionado às instituições públicas paulistas, a saber: 1) manual publicado em 2011 por instituto de pesquisa para uso de seus pesquisadores, atualmente disponível na internet e de grande circulação entre estudantes (SOARES, 2011); e 2) eventos videogravados disponíveis na internet (palestras, entrevistas e cursos)¹⁰, que foram ministrados no período aqui focalizado por dois porta-vozes de áreas e instituições diferentes – professores Gilson L. Volpato (Biologia, UNESP) e Valtencir Zucolotto (Física,

9 “Eu não sabia nada. Nada de nada. [...] Aprendi muito como o pessoal do lab [Universidade da Califórnia, San Diego]. Eles vinham das escolas da zelite: Harvard, Berkeley, UCSF, MIT.” (“De volta ao começo”. Postado em 5 fevereiro, 2015. Disponível em: <http://sbi.org.br/de-volta-pro-comeco/>. Acesso em: 07 set. 2017).

10 Cursos e palestras estão descritos e divulgados em *websites* institucionais, com destaque para as seções temáticas especializadas de cada universidade, como o “Portal da Escrita Científica”, da USP-São Carlos (disponível em: <http://www.escritacientifica.sc.usp.br/>); e a página “Espaço da Escrita”, da Unicamp (disponível em: http://www.cgu.unicamp.br/espaco_da_escrita/). As entrevistas estão publicadas em diferentes veículos, inclusive seções de divulgação científica em jornais comerciais.

- | Metapragmáticas da ‘redação’ científica de ‘alto impacto’

USP), ambos também proprietários de empresas especializadas na venda de cursos e materiais de apoio ao ensino de “redação” ou escrita científica “de alto impacto” (a esse respeito, ver também MUSSIO, 2016).

Trata-se de material e personagens representativos, apesar de não serem únicos, na medida em que tanto têm a chancela de suas instituições de origem quanto são recomendados pelas demais instituições do Estado. Os dois professores citados são reconhecidos como porta-vozes autorizados também pela indústria editorial transnacional, o que tem ampliado significativamente o alcance de suas produções no mercado, não só brasileiro. A divulgação recente do curso “How effective writing can boost the chances of getting your scientific article published”, ministrado pelo professor Zucolotto sob a chancela da Springer Nature¹¹, é ilustrativo a esse respeito. A chamada feita por correio eletrônico (“Springer promotional email”) contém as seguintes informações:

How effective writing can boost the chances of getting your scientific article published

August 23rd, 2017

3 PM (Brasília | BRT)

1 PM (Bogota | COT)

1 PM (Mexico City | CDT)

Click here to register now

The presentation will be in Portuguese.

Room capacity is restricted to 500 participants. To make sure that you will be able to connect, please log in a few minutes before the start of the session.

Em função da inscrição da pesquisa no campo aplicado dos estudos da linguagem, buscamos privilegiar a observação e análise dos usos de materiais escritos e outros recursos sociossemióticos a eles associados em ecologias (BARTON, 1994) próprias dos contextos institucionais observados. A observação e análise de ações de reflexão e controle sobre o uso e funcionamento da escrita e de outros recursos sociossemióticos a ela associados nesses contextos dá continuidade a nossos estudos anteriores sobre a questão mais geral das metapragmáticas da língua(gem) em uso (SIGNORINI, 2002, 2008) que, no caso em foco, estão associadas às diferentes práticas letradas que constituem o fazer científico.

Desse modo, em eventos videogravados, por exemplo, integraram os dados de análise os enquadramentos orais e escritos que os situam numa dada instituição e/

¹¹ Disponível em: <https://register.gotowebinar.com/register/7433645667714273537?source=Invitation+email>. Acesso em: 10 out. 2017.

ou numa dada sequência de eventos relacionados, além do conteúdo da aula, palestra ou entrevista, e outros traços semióticos que se mostraram relevantes (relacionados ao professor ou palestrante, à interação com os participantes, ao suporte visual exibido, por exemplo).

Uma reflexão em contraponto: frente e verso da publicação científica

Num *post* intitulado “Escrever é difícil”, publicado em 23 janeiro de 2013 no *website* da Sociedade Brasileira de Imunologia (SBI)¹², Sérgio Lira, pesquisador brasileiro atuando no Instituto de Imunologia da Icahn School of Medicine at Mount Sinai em Nova York¹³, aborda as principais dificuldades envolvidas na publicação científica pautada pelos parâmetros e modelos da indústria editorial transnacional contemporânea. Com base em sua própria experiência, ele resume logo de saída o que considera “difícil”¹⁴:

Escrever pra mim não é facil. Principalmente em ingles. Principalmente em ingles científico. Isso apesar de viver aqui nos EUA há 30 anos. Ainda soffro. [...] Escrever é dificil por causa da lingua mae, por minhas deficiencias, pelas exigencias do escrever científico. E para complicar por politicas editoriais, que exigem e interferem. (LIRA, 2003, s/p)

Uma explicação genérica das dificuldades relacionadas à “língua mãe” e às deficiências quanto ao “escrever científico” vem logo em seguida. O fato de ter aprendido a escrever em português e de não ter tido acesso ao “ensino formal da escrita” nos moldes norte-americanos é visto como um obstáculo:

Portugues é uma lingua boa pra namorar, cantar, fazer poesia, mas é muito ruim pra escrever ciencia. (...) quando digo que aprendi a escrever quis dizer, me mandaram fazer redação. Não existia no meu colégio [em Pernambuco], como existe aqui [nos EUA], o ensino formal da escrita. O que come[n]to hoje aqui no blog, aprendi lendo. (idem)

¹² Disponível em: <http://sbi.org.br/escrever-e-dificil/>. Acesso em: 06 set. 2017.

¹³ Disponível em: <http://icahn.mssm.edu/profiles/sergio-lira>. Acesso em: 06 set. 2017.

¹⁴ Nas citações a seguir foram mantidas as formas originais do *post* publicado.

O outro obstáculo apontado é o das “exigências do estilo”, mutantes e também não vistas na escola. Mesmo se o gênero artigo científico tem, segundo ele, uma forma fixa, “[f]eito bula, feito receita de bolo, feito missa”, aparecem demandas novas a serem consideradas: “Por exemplo, papers já não descrevem resultados, não são mais relatos de experimentos. São ‘estórias’ [...] O problema é que criou-se a demanda jornalística. A síndrome do homem que morde o cão. Pra sair no jornal.”.

E para especificar melhor em que consiste essa “demanda jornalística”, criada por um mercado editorial controlado por poucos¹⁵, e as distorções daí advindas para a produção do gênero artigo científico, ou “paper” nos termos do autor, Lira aponta alguns aspectos críticos no processo de produção. O primeiro deles é o da incidência da “pressão pela novidade” em todas as seções do artigo. Na introdução, surge, segundo ele, a “lorota da novidade”, cuja função é a de capturar a atenção do editor para, assim, aceder à fase seguinte da avaliação (a dos pares): “Dizem que uma vez passado o editor voce tem 60% de chance de ter o paper publicado”. Na apresentação dos resultados, “exagero e enganação”: “Os autores não descrevem os resultados direito, complicam, mistificam, fazem as figuras mais tronxas, e as estatísticas mais mentirosas”. Ou então amontoam “resultado em cima de resultado. Vira enchente, vira uma chatice insuportavel. Os papers das revistas importantes estão obesos [...] tem resultado demais, tem lorota demais”. Na discussão dos resultados, “local onde a lorota da frente encontra a lorota de trás”, nos termos do autor, reaparecem “exagero e enganação”: “Muita discussão está baseada em resultados que não existem”. E em decorrência dessas “distorções”, cabe ao leitor, adverte Lira, desconfiar sempre: “Mesmo que esteja bem escrito, seja novedoso, e saia na revista acetinada. Não acredite mesmo. No máximo bote uma fezinha.”.

O segundo aspecto crítico no processo de produção apontado por Lira é o da discussão com editores e revisores na pós-avaliação, vista como mais uma “dificuldade na escrita”:

Mas a dificuldade na escrita não para na hora que voce manda o paper pro jornal. Continua. [...] Reconheço que ainda não sei escrever paper direito, mas declaro que sou craque em escrever carta pro editor e pros nossos “amigos” revisores. Sou muito gentil e educado.

¹⁵ A esse respeito, é esclarecedor o artigo “Science publishing: The golden club”, de Eugenie Samuel Reich, publicado em 16.10.2013 na seção *News Feature*, da *Nature* v. 502, p. 291-293. Como mostra o autor, a importância atribuída às revistas *Nature* e *Science* e às medidas de impacto controladas pela companhia Thomson Reuters, sediada em Nova York, são centrais nesse mercado. Entre os vários exemplos apresentados no artigo, reproduzimos o do autor de um artigo que tinha sido capa da revista *Science* três anos antes: “Pela reação dos colegas, é como se você tivesse entrado para um clube fechado”, diz Rimer, um engenheiro químico e professor assistente na Universidade de Houston, no Texas. “Justo ou injusto, é como se você tivesse provado que pode fazer ciência boa” (p. 291).

Procuro ser claro e direto, faço muitos, senão todos os experimentos solicitados. Não dou razão pra que me rejeitem. (idem)

Embora saber jogar o jogo do mercado editorial signifique, tal como descrito pelo autor, atender às “exigências do estilo” e às solicitações de editores e revisores (não dar razão para ser rejeitado), sua afirmação, ao concluir o *post*, de que apesar de “tanto dismantelo” é possível (e desejável) “escrever bem, ser claro, honesto”, parece não dar conta da dimensão eminentemente estratégica e performática do “escrever científico” de que dá testemunho em seu texto, e que envolve pelo menos dois gêneros citados: o artigo científico propriamente dito e a “carta” a editores e revisores. Estamos compreendendo performance como um modo reflexivo de comunicação (BAUMAN; BRIGGS, 1990), em que cabe ao locutor assumir a responsabilidade de demonstrar a uma dada audiência uma dada competência sociointeracional e discursiva – “ser craque”, como quer Lira – em se fazer ouvir e ser reconhecido como um interlocutor autorizado, ou seja, como um igual.

A redução dessa dimensão à da correção formal – “escrever bem” –, à da transparência referencial – “ser claro” –, e à da veracidade/autenticidade moral – ser “honesto” – é uma forma de racionalização em que ecoam esquemas conceituais e práticas relacionadas à tradição escolar do estudo do texto dissertativo-argumentativo e da aprendizagem da escrita pela experiência vicária, ou seja, através da leitura de modelos (“O que come[n]to hoje aqui no blog, aprendi lendo”)¹⁶ e não da prática sistemática da interlocução social mediada pela escrita (“Passei este fim de semana escrevendo um paper e editando outro”). Em seu argumento, apela, pois, à tradição do ensino de “redação”, por ele mesmo considerada inócua, ou mesmo prejudicial, no início de seu *post*.

Para um leitor mais atento, porém, a novidade e o interesse de sua contribuição está justamente na explicitação – ou escancaramento – desse descompasso entre a experiência vivida e as representações criadas/mantidas pelos metadiscursos mais tradicionais sobre a escrita e as práticas letradas¹⁷ de modo geral e, nesse caso, sobre as práticas letradas que constituem o fazer científico de modo particular.

¹⁶ É o que aconselha ao leitor em outra passagem do mesmo *post*, ecoando novamente ditos e práticas do ensino tradicional: “Ja li em algum lugar (e acredito) que pra escrever bem a gente tem que ler muito. Isso vale pra quem escreve poesia, prosa, e paper.”.

¹⁷ “Essa noção de prática guia o modo como buscamos compreender o letramento [científico no caso em pauta]. Ao invés de focalizar exclusivamente a tecnologia de um sistema de escrita e suas reputadas consequências (‘escrita alfabética promove abstração’, por exemplo), abordamos o letramento como um conjunto de práticas socialmente organizadas que fazem uso de sistemas simbólicos e tecnológicos para produzi-las e disseminá-las. O letramento não consiste apenas em saber ler e escrever um tipo de escrita particular, mas em aplicar esse conhecimento para propósitos específicos em contextos específicos de uso. A natureza dessas práticas, incluindo, certamente, seus aspectos tecnológicos, determinarão os tipos de capacidades (‘consequências’) associadas ao letramento” (SCRIBNER; COLE, 1981, p. 236).

Apenas num vislumbre, são mencionadas práticas que constituem de fato o dia a dia dos cientistas e que escapam à linearidade e à transparência impostas pela redução à “receita”, à “bula” e à “missa”, nos termos do autor. É quando se refere a todo um conjunto de práticas profissionais bem mais abrangentes e complexas que precisam ser reduzidas a apenas um de seus componentes – a comunicação escrita –, componente esse que, por sua vez, vai ser reduzido ao artefato linguístico daí resultante – o texto escrito em sua fixidez (“[f]eito bula, feito receita de bolo, feito missa”), apesar das variações de “estilo” em função da concorrência no mercado editorial. Nesse sentido, o artefato linguístico é, necessariamente, resultado de uma cadeia de reduções, apagamentos e manobras de estilo em função de convenções e expectativas de recontextualização pelos leitores/ avaliadores/ concorrentes. É o que se pode entrever muito rapidamente na contraposição entre frente e verso do modelo de “paper” vigente, apresentada no parágrafo transcrito a seguir:

Seria interessante que os papers viessem com o “making of”. Acho que seriam mais interessantes que os papers em si. Neles veríamos coisas do tipo: o experimento era outro mas descobrimos algo totalmente diferente no meio do caminho e acabamos fazendo algo muito mais interessante. Falaríamos mais do acaso, dessa força [força] suprema da descoberta. Comentaríamos erros de interpretação, de execução, que muitas vezes apontam novas direções. E teríamos a oportunidade de dar crédito real as pessoas e as fontes de inspiração.

Considerando, porém, o *post* como um todo, é interessante observar como o tom jocoso, o ímpeto aparentemente desmistificador e anedótico do texto – cientistas que contam “lorotas”, produzem “exagero e enganação” em seus artigos; revisores “famigerados” e desonestos – desloca o foco de atenção do leitor, que se vê frente a uma espécie de dilema paradoxal: reduções, apagamentos e manobras de estilo são próprias da ciência ou do embuste? E é esse dilema que se dissolve – dar “jeito” no “desmantelo”, como quer Lira – através da racionalização descrita acima. Mas sem que se resolvam, evidentemente, as ambiguidades criadas para o “escrever bem” – formalmente correto ou “impactante”? –, o “ser claro” – para a “comunidade” de referência ou para quem controla a revista? –, e o “ser honesto” – quanto a métodos e resultados ou quanto aos limites da concorrência?

E são essas ambiguidades, aparentemente vividas por Lira como perturbadoras (“desmantelo”), e que estão relacionadas ao padrão de jogo imposto pelo mercado editorial e aos modos de participação que fomenta que vão ser tratadas diferentemente pelos metadiscursos que constituem nosso *corpus* de referência. É o que está melhor descrito nas seções a seguir.

Metadiscursos fundados em mitologias antigas e novas

Partindo do princípio de que “A publicação científica é um requisito necessário para que o cientista participe do debate científico” (VOLPATO, 2015, p. 4), um dos autores de maior circulação nos meios acadêmicos aqui focalizados¹⁸ descreve rapidamente o padrão de jogo do mercado editorial globalizado e a condição do jogador brasileiro da seguinte forma:

Nesse sistema competitivo, de um lado, as editoras comerciais querem vender seus produtos; de outro, os cientistas se valem dessas editoras para difundirem suas ideias para grande número de pesquisadores. É nesse ambiente competitivo que se instaura um quase desespero dos cientistas brasileiros para conseguirem espaço na ciência internacional [...] A falta de formação científica sólida incute nessas pessoas a busca de regras, caminhos infalíveis que as ajudem a construir um artigo de bom nível internacional. (VOLPATO, 2015, p. 3)

Dois aspectos da afirmação acima, em contraponto ao que foi exposto na seção anterior, são representativos dos metadiscursos do *corpus* de referência. O primeiro deles é o apagamento da dimensão conflituosa – tanto entre “venda de produtos” e “difusão de ideias”, quanto entre competidores entre si, na disputa por “espaço na ciência internacional”, enfatizada por Lira em seu *post*. Nessa perspectiva, o “debate científico” se dissolve no princípio mercadológico da disputa por espaço para “difusão das ideias” de cada um para o maior número – “para o mundo”, segundo Volpato – e a “falta de formação científica sólida” diz respeito também à falta de familiaridade com os modos de funcionamento desse mercado.

Num vídeo da série “Minutos da Redação Científica”, postado em 2012, essa analogia é melhor explicada pelo autor: “Eu faço sempre uma analogia entre um cientista e um empresário. [...] Ter boas ideias, todo mundo tem. Mas colocá-las em prática, são poucos que colocam: são os empreendedores”¹⁹. E numa entrevista da série “De Cara com Feras”, de 2014, Zucolotto, físico que atua em nanomedicina, uma “área de fronteira”, aponta da seguinte forma essa necessidade de um cálculo estratégico em relação ao mercado: “O processo todo surge do intelecto, da ideia. Então você precisa ter noção de

18 Fundador do IGVEC (disponível em: <https://www.igvec.com>): “um Instituto devotado ao ensino da mentalidade científica, da pré-escola à universidade”.

19 Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-Z_t3VcDhlw. Acesso em: 07 set. 2017.

quais são seus alvos, né? Você vai fazer uma droga nanoestruturada pra qual doença?"²⁰. E, numa aula gravada, chama a atenção para a questão do *timing* da publicação de "novidades" em "áreas de fronteira":

Analisando, por exemplo, as [...] publicações científicas de grandes grupos no Brasil ou no exterior em uma determinada área, pode nos fornecer informações sobre com que frequência esses grupos de pesquisa publicam novidades científicas nessa determinada área²¹.

O segundo aspecto da afirmação de Volpato, que é representativo dos metadiscursos do *corpus* de referência, é o da relação de causa e efeito estabelecida entre, por um lado, competidores "desesperados" e sem "formação sólida" e, por outro, a "busca de regras, caminhos infalíveis" para a elaboração de artigos "de bom nível internacional". De fato, grande parte do sucesso de suas "dicas" (VOLPATO, 2006) e de seu "método lógico de redação científica" (VOLPATO, 2011), assim como de cursos como "Produção de Artigos de Alto Impacto" (ZUCOLOTTI, 2013) e de tantos outros materiais em profusão nos meios acadêmicos, poderia ser atribuída, justamente, à criação desse mercado local de "desesperados", que, segundo lembra Volpato, é recente: "há 20 anos pouquíssimos se propunham a essa empreitada" (2015, p. 3).

Mas, embora coerente com o princípio mercadológico de se buscar na urgência produtos que sejam mais competitivos, essa busca de atalhos para elaboração de artigos denominados "de alto impacto" no mercado é, segundo Volpato, uma busca equivocada: "Não dá só para corrigir a ponta desse processo – a redação científica – sem ter uma base bem fundamentada por trás disso" (Agência FAPESP, 13.01.2013)²².

Pensar como um cientista

Diagnosticando "equivocos de ciência e comunicação" (VOLPATO, 2015, p. 1) como duas faces de uma mesma moeda, Volpato estabelece a relação de equivalência

²⁰ Disponível em: http://urini.net/watch/stream-a49Dz_ZDCTwb4. Acesso em: 07 set. 2017.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0>. Acesso em: 07 set. 2017.

²² Disponível em: http://agencia.fapesp.br/erros_em_artigos_cientificos_brasileiros_sao_mais_conceituais_do_que_de_expressao/16655/. Acesso em: 07 set. 2017.

entre escrita alfabética e desenvolvimento cognitivo, por um lado: “Quem sabe, não escreve errado. [...] o cara escreveu alguma coisa errada, não é que ele é analfabeto [...] Ele não sabe pensar direito.” (entrevista à TV UNESP, 23 de maio de 2013)²³. E, por outro lado, entre ordem própria da escrita e ordem epistemológica:

Um erro imperdoável que assola boa parte da ciência nacional é a separação entre Introdução e Justificativa. Isso afronta o pensamento lógico e mais atrasa a formação de novos cientistas, dificultando, inclusive, que se desenvolvam bons argumentos científicos (VOLPATO, 2015, p. 11).

Essas são equivalências promulgadas pela tradição racionalista e grafocêntrica das sociedades liberais do pós-Iluminismo, que, desde o século XIX, associa diretamente a escrita à abstração e às capacidades mentais superiores, às ontologias e epistemologias científicas e, em consequência, ao progresso e desenvolvimento social (GOODY, 1979, 1986; GRAFF, 1979; OLSON, 1986). É uma tradição orientada por um modelo lógico (Locke, Leibniz e Descartes) de apreensão do escriptural e que atribui características e poderes à escrita autônoma – o vetor móvel, mencionado na Introdução. E, como mostram os estudos críticos desse modelo e das práticas de produção, uso e avaliação da escrita a ele relacionadas (SCRIBNER; COLE, 1981; HEATH, 1983; STREET, 1984; GEE, 1986; KLEIMAN, 1995; SIGNORINI, 2004, entre outros), as mesmas características e poderes atribuídos à escrita autônoma são atribuídos aos grupos ou indivíduos que a produzem. E, no caso dos grupos e indivíduos que não a produzem, coloca-se a questão de uma falta, ou déficit, a ser reparado.

É relevante observar que essa filiação histórica e ideológica das equivalências estabelecidas por Volpato nos excertos citados acima explica e justifica dois aspectos dos “equivocos” apontados por ele. O primeiro é o da apreensão da “redação científica” como bem simbólico de “altíssimo” valor nos mercados locais e transnacionais – a demanda dos “desesperados brasileiros para conseguirem espaço na ciência internacional”. E o segundo aspecto é o da produção do engodo que sustenta, de fato, esse mercado. Engodo análogo ao produzido por tantos outros metadiscursos – os publicitários são os exemplos mais comuns – voltados para o convencimento individual da falta, ou do déficit, como motor para o consumo. No caso da “redação científica”, a condição de simulacro do que é vendido/comprado é o que atende e frustra ao mesmo tempo – a “busca equivocada” de dicas e regras, nos termos de Volpato.

²³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hvGbuQ_xyrU. Acesso em: 07 set. 2017.

É preciso salientar, porém, que, se o engodo se mantém (e o mercado local), é porque as premissas subjacentes ao modelo da escrita autônoma, mencionado acima, encontram eco no senso comum (sobretudo dos escolarizados) e tem sustentação nas ideologias linguísticas disseminadas pela escolarização e pela burocracia de Estado (GEE, [1990] 2015; SILVERSTEIN, 1992; TAYLOR, 1995; BAUMAN; BRIGGS, 2003). Estamos compreendendo ideologia em seu sentido mais amplo, ou seja, em referência a conjuntos de crenças e valores (não só convergentes, não necessariamente falsos ou enganosos) de raiz sociocultural que fundam um dado modo de percepção e de raciocínio e que passam a orientar as ações dos sujeitos na interação social (como a língua e seu uso são conceptualizados por esses sujeitos; o que eles pensam que fazem/que devem fazer quando a utilizam). A importância das ideologias, portanto, não está apenas no que explicam, justificam, racionalizam ou naturalizam, mas também no que projetam como (in) correto, (ir)racional, (i)lógico, (im)possível, (in)desejável etc. (SCHIEFFELIN; WOOLARD; KROSKRITY, 1998; AGHA, 2004; IRVINE; GAL, 2009).

Nesse sentido, é importante destacar a função instrumental (*techné*), ou representacional, atribuída à linguagem verbal pelos metadiscursos aqui focalizados. Nos termos de um manual publicado em 2011 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), para uso de seus pesquisadores, “[a] linguagem tem um compromisso com a razão, com a verdade, com a lógica, com o conhecimento, e se estrutura em função do propósito da comunicação” (SOARES, 2011, p. 57).

Compreendida como um sistema convencional, socialmente compartilhado e regido por regras, cabe, assim, à linguagem verbal representar/traduzir/espelhar o *cogito*, o raciocínio, o pensamento; e também representar/traduzir/espelhar e apontar para as coisas do mundo. A idealização dessa função representacional, sustentada por uma ideologia referencial da linguagem (SILVERSTEIN, 1979), leva à sobreposição, ou isomorfia, entre adequação de linguagem e adequação de pensamento, como na tradição racionalista do positivismo lógico em ciências naturais, que orienta Volpato em seu diagnóstico. Subjacente está a premissa de que o mundo extralinguístico é ontologicamente independente, tanto do sujeito quanto da linguagem, cujo papel na comunicação é o de transportar, sem ruído ou perturbação, o sentido. Nos termos do mesmo manual citado acima, “[a] ciência é, por natureza, clara, objetiva, translúcida. Se ela possui essas características, além de outras ligadas à parte científica [?], o estilo do texto científico não pode ser diferente” (SOARES, 2011, p. 3).

Nessa perspectiva, portanto, as metapragmáticas da publicação científica vão ser pautadas pelo princípio da comunicação mais direta possível entre um aparelho cognitivo e outro, ou entre uma mente e outra – a metáfora do conduto (“*the conduit metaphor*”) (REDDY, 2000 [1979]). É o que esclarece Zucolotto (2013) numa aula videogravada:

Clareza é o fato dessa mensagem chegar de maneira mais rápida possível à mente do leitor [...] com palavras e expressões fáceis, escritas de maneira apropriada, de uma maneira simples [...] E concisão é o ato de você fazer isso usando o menor número de palavras²⁴.

Mas, como adverte Reddy, esse modelo de comunicação “nos leva a falar e a raciocinar como se pensamentos tivessem o mesmo tipo de realidade externa e intersubjetiva que lâmpadas e tabelas.”. E, quando não funciona, “parece que o problema está em nossa própria estupidez e má-fé”²⁵ (REDDY, 1979, p. 309): não saber “pensar direito”, como quer Volpato. Ou, numa versão menos idealizada e mais pragmática em relação às leis do mercado editorial, o problema está na falta de habilidade do escrevente: “porque o leitor que não se sente confortável lendo seu texto, não vai ler seu texto, ele não é obrigado a ler seu texto e aí seu artigo perde impacto” (ZUCOLOTTI, 2013)²⁶.

Contrapondo-se, pois, a uma concepção da linguagem enquanto forma de ação comunicativa ou de intervenção no mundo (“participar do debate científico”) e, sobretudo, contrapondo-se a uma concepção da linguagem enquanto ação performática e estratégica de construção de uma identidade e uma posição reconhecidamente válidas no campo das práticas científicas valorizadas, como as de comunicação escrita em língua estrangeira (tornar-se “craque” na interlocução entre (im) pares, como aponta Lira), a redução empreendida por Volpato a uma questão de falta ou déficit de ordem psicognitativa e psicolinguística de quem escreve “errado”, porque não pensa “direito”, tem o mérito de explicitar – escancarar mesmo – a matriz histórica e ideológica dos metadiscursos hegemônicos sobre ciência e sobre escrita científica em circulação nas instituições e período aqui focalizados²⁷.

A concepção idealizada de um pensamento que representa a si mesmo através/ pela linguagem orienta os processos de diferenciação linguística empreendidos pelos metadiscursos empenhados em estabelecer fronteiras e territórios próprios à escrita científica em relação ao conjunto mais geral das manifestações linguísticas, tanto

24 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0>. Acesso em: 07 set. 2017.

25 “This model of communication objectifies meaning in a misleading and dehumanizing fashion. It influences us to talk and to think about thoughts as if they had the same kind of external, intersubjective reality as lamps and tables. Then, when this presumption proves dramatically false in operation, there seems to be nothing to blame except our own stupidity and malice” (1979, p. 309).

26 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnQt4be0Wck>. Acesso em: 07 set. 2017.

27 A respeito das relações dessa matriz com o estudo dos gêneros acadêmicos, ver também Motta-Roth (2005).

em português, quanto em inglês. E, como tratam dos efeitos e condições de uso da linguagem nesse tipo de escrita, ou seja, tratam das metapragmáticas de uma escrita que se quer autônoma e de “altíssimo” valor simbólico no campo social, tais metadiscursos dão grande visibilidade às ideologias linguísticas já identificadas e descritas pelos estudos sociolinguísticos e antropológicos de estudo da produção da diferença no campo do simbólico, retomados rapidamente a seguir.

Conforme descrevem Irvine e Gal (2009), em seu estudo sobre o funcionamento e as consequências das ideologias linguísticas em processos de delimitação e diferenciação de variedades sociolinguísticas em regiões da Europa e da África, três principais processos semióticos constituem a diferenciação de formas e repertórios, as divisões e delimitações em relação aos demais usos linguísticos: os processos de “iconização”, “recursividade fractal” e “apagamento”. Através das ideologias linguísticas são atribuídos sentidos e valores sociais a essas formas e repertórios tidos como diferenciados, e também a atividades e atores tidos como típicos ou representativos. Embora no caso da escrita científica, não se trate propriamente de diferenciação de uma variedade sociolinguística, verifica-se nos documentos aqui focalizados a identificação de um conjunto de características linguísticas (frásticas e textuais) e de formulações ou modos de dizer a serem utilizados (ou evitados), e a associação desse conjunto a perspectivas epistemológicas, modelos de ação e padrões de comportamento tidos como cientificamente “genuínos”, como diria Volpato. Nesse sentido, nos parecem elucidativos os três processos descritos por Irvine e Gal (2009).

Através do processo de “iconização”, um repertório de estruturas frásticas e textuais identificadas como próprias da produção científica valorizada adquire função icônica, ou seja, passa a representar, de forma emblemática, a própria ciência, o próprio pensamento científico. E, por extensão, são classificadas como “genuínas” (ou não) atividades, indivíduos e grupos que reproduzem essas estruturas e, sobretudo, que reproduzem em diferentes graus os metadiscursos de sustentação dessa relação de iconicidade. Conforme mostra Agha (2007, p. 177), uma dada característica linguística, ou conjunto de características, é ideologicamente associada a uma forma de ser e agir, a uma identidade ou tipo social, não apenas em sentido abstrato, mas a um personagem, real ou imaginado (a esse respeito, ver também AGHA, 2003; SILVERSTEIN, 2003). A essa associação entre produção simbólica e personagem social autorizado remete a afirmação de Volpato: “Todo mundo que se acha cientista, né, que são pesquisadores, mas na verdade se acham cientistas, se acham no direito de dizer o que fazer na redação científica” (VOLPATO, 2016).

Ainda segundo Irvine e Gal (2009), é através do processo de “recursividade fractal” que são reproduzidas em outros níveis as dicotomias e divisões estabelecidas

em nível das formas e repertórios linguísticos. São ilustrativas a esse respeito dicotomias e hierarquizações criadas por Volpato, ao longo de suas intervenções, entre perfis profissionais (cientistas, pesquisadores e professores, nessa ordem) e tipos de revistas científicas (as internacionais “de alto impacto”, as internacionais e as “regionais”, que não contam): “Quem é cientista de bom nível consegue publicar em revistas de bom nível internacional (dizer que depende da área é balela para justificar incompetência)” (VOLPATO, 2014).

Mas também entre áreas do conhecimento (as de nicho ou “de fronteira” e as que precisam de muito maior dose de empreendedorismo para serem contadas) e entre metodologias de pesquisa (as científicas “genuínas”, que reproduzem os princípios do positivismo lógico; as científicas não “genuínas”, que os reproduzem mal; e as que não contam):

[...] eu costumo brincar dizendo que filósofo famoso não sabe escrever bem, pois tem gente fazendo doutorado para propor o que o tal filósofo estava querendo dizer! (VOLPATO, 2014, p. 3)

Duvido e desafio que uma pessoa da Letras consiga ensinar um aluno a estruturar e redigir um artigo científico para ser publicado em boas revistas internacionais, nas três áreas do saber. (VOLPATO, 2014, p. 4)

E é através do processo de apagamento que vão perdendo visibilidade, no campo científico, tanto atores quanto modos de produzir e de divulgar o conhecimento científico julgados inconsistentes em relação ao que foi identificado como “genuíno”. E esse é um processo importante porque, conforme enfatizam Irvine e Gal (2009), cria-se um Outro imaginário, simplificado e essencializado, em oposição ao qual se firmam as identidades “genuínas”. Um Outro a ser ignorado, ou a ser transformado num igual.

[...] muitas áreas preferem ficar aqui dentro. Só que consome dinheiro. E como nós temos toda uma política no sentido de que todos merecem, todos devem ter [...] se fosse pela qualidade, seria ok, mas quando não é pela qualidade, não é ok. E isso traz um problema para o país. [...] Temos que otimizar. (VOLPATO, 2017)

É também ilustrativo a esse respeito o apagamento, nos/pelos metadiscursos aqui focalizados, de componentes históricos relevantes, como os que explicariam, por exemplo, a alusão feita pelo editor L. J. Greene ao passado colonial do país, ao apontar

atitudes de “um povo colonizado”²⁸ na proposta de contratação de editoras internacionais como solução para os problemas dos periódicos brasileiros. Sem contar o apagamento de componentes geopolíticos também relevantes, como os que explicariam, por exemplo, as políticas oficiais de incentivo à publicação conjunta com autores estrangeiros visando a neutralização, a curto prazo, do posicionamento periférico de pesquisadores brasileiros em redes globais de poder e autoridade. Conforme referido na Introdução deste artigo, a projeção, pelos porta-vozes aqui focalizados, de um espaço-tempo unificado e plano para a ciência globalizada não contempla, de fato, entraves como esses: “se você acha que exista a tal ‘ciência nacional’, acho bom repensar sua existência” (VOLPATO, 2014, p. 3).

Escrever como um cientista

Em função da matriz histórica e ideológica do modelo autônomo de concepção da escrita científica, apontado na seção anterior, o foco principal de atenção em manuais, métodos e “dicas” que circulam nos contextos e período aqui focalizados vai estar na estrutura “lógica” ou estática da língua (léxico, gramática) e na estrutura “lógica” convencional do artefato textual modelar, apreendido em seus diferentes níveis estruturais (palavra, frase, parágrafo) e pragmáticos (forma e função do título, resumo e demais partes do modelo convencionado). Mesmo a questão das “exigências do estilo”, referidas por Lira, são geralmente tratadas também em nível léxico-gramatical e pragmático: “na escrita contemporânea, mais moderna, há uma tendência dos editores preferirem frases muito mais contundentes” (ZUCOLOTTI, 2013)²⁹.

De fato, a expressão “redação científica” é uma especificação do termo mais genérico “redação”, tradicionalmente relacionada às práticas escolares de produção escrita na pós-alfabetização. A especificidade desse tipo de redação estaria sobretudo no caráter mais denotacional do texto a ser produzido: texto do tipo “objetivo” (em contraposição a “subjutivo”, literário ou “plurívoco”), regulado por padrões formais e técnicos (normas léxico-gramaticais, organizacionais e gráfico-visuais), e associado à divulgação do conhecimento científico. As mudanças verificadas nos modos de apreensão e ensino da leitura/escrita escolar das últimas décadas não tiveram impacto significativo

28 Cf. Ciência e vida: Entrevista – Homenagem ao Dr. Greene. *Scielo em Perspectiva*, 28.11.2014. Disponível em: blog.scielo.org/blog/2014/11/28/ciencia-e-vida-homenagem-ao-dr-greene/. Acesso em: 07 set. 2017.

29 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-awveTSmmIM>. Acesso em: 08 set. 2017.

sobre os modos de apreensão e ensino da redação ou escrita científica, mesmo quando se observam incorporações – mais taxonômicas que conceituais – de referências teórico-metodológicas inspiradas pelos estudos da linguagem, como faz Zucolotto (2013)³⁰, por exemplo, ao introduzir em seu curso “gênero literário”, em substituição a tipo de texto:

[...] eu convido a todos vocês agora a pensarem na escrita científica como um gênero literário. Talvez isso pode ser uma novidade para muitos de vocês, não é? [...] Os textos científicos de altíssimo impacto nas revistas de altíssimo impacto são sempre claros e concisos, não é? E isso é muito típico da escrita científica. Talvez não seja muito típico de outros gêneros literários. Por exemplo, há poesias que são enormes, não é?

Ou ainda quando o mesmo manual mencionado na seção anterior condiciona a produção de coesão/coerência textual ao uso da gramática e “vocabulário [?] da língua padrão”, além de normas de “redação e publicação” específicas:

O texto é uma trama de ideias com coerência entre si. Existem vários tipos de textos e todos eles precisam ser bem estruturados e redigidos, especialmente o texto técnico-científico que tem características próprias. Para isso, é necessário ter bons conhecimentos da língua no seu padrão culto (gramática, vocabulário), bem como do assunto a ser tratado e das normas de redação e publicação a serem seguidas (SOARES, 2011, p. 3).

Nesse sentido, os dispositivos didático-pedagógicos relacionados à redação escolar continuam subsidiando o ensino da escrita científica de modo geral, apesar de esse gênero ser comumente tido como uma espécie de reprodução capenga desses princípios (“me mandaram fazer redação”, relata Lira): “Para que os textos não fiquem repetitivos e com as mesmas expressões, varie suas frases, acrescente palavras e expressões interessantes” (SOARES, 2011, p. 60).

Um exemplo curioso dos modos de retomada e reativação, pelos metadiscursos aqui focalizados, de concepções e práticas da tradição escolar é dado por Zucolotto (2013), nos módulos 5 e 6 de seu curso, quando busca evidências de que determinadas construções léxico-gramaticais em nível da frase e do parágrafo comprometem a fluidez “das ideias para a mente do leitor”. Ele diz o seguinte:

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CZR0tpPaR0>. Acesso em: 07 set. 2017.

[...] quando eu me lembro da minha escola primária, a professora dizia que a gente está lendo, o nosso cérebro está procurando um ponto final, né? No ponto final é que o cérebro respira, forma-se a ideia, e você continua com a sentença. Se não chega o ponto final, a ideia não se forma nunca e o nosso cérebro não consegue guardar todas as informações de uma sentença desse tamanho. Ou seja, é uma sentença que não serviu pra nada, pois a ideia não se forma na mente do leitor. (Módulo 5)³¹

[...] e tudo o que a gente quer na escrita científica é um bom ritmo de leitura, para que as ideias se formem de maneira clara e concisa e rápida na mente do leitor. (Módulo 6)³²

É interessante observar nessa referência direta à teoria da professora primária a alusão indireta a um perfil de leitor muito específico, que vai se delineando aos poucos nas diferentes intervenções de Zucolotto, com suas dificuldades de atenção, sinais de desinteresse e até má vontade diante de determinados exercícios de leitura/escrita. É o que ilustra a passagem abaixo, extraída de uma palestra proferida no auditório da USP de Ribeirão Preto em 2015 e dirigida a estudantes de diferentes áreas. Ao caracterizar o gênero artigo científico, contrapondo-o a outros “gêneros literários”, a questão é colocada da seguinte forma:

Vocês podem até não perceber, mas nós somos obrigados a ler arte. É ótimo, faz bem pra alma, nosso desenvolvimento. Artigo científico, alguém é obrigado a ler? [...] é trabalho, eu não preciso necessariamente me deleitar com aquilo [...] mas vc tem que ler, porque não existe cientista que não lê artigo científico. Só que chega um artigo de 40 páginas na sua mão, quem vai ler? [...] nas nossas áreas exatas, médicas, ninguém lê, nem o autor não vai ler. (ZUCOLOTTO, 2015)³³

E ao explicar como evitar a rejeição imediata de um artigo por um editor “inclinado” a negar pelo “congestionamento de submissões”, explicita melhor, baseado em sua própria experiência como editor associado, como se comporta esse que é o primeiro e mais importante destinatário na “dinâmica do processo editorial” contemporâneo:

31 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=lwSdEuV63kg>. Acesso em: 07 set. 2017.

32 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FnQt4be0WCk>. Acesso em: 07 set. 2017.

33 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfo0Pggm0u8>. Acesso em: 07 set. 2017.

Vamos nos colocar agora no papel do editor associado [...] aquele que toma decisão quando chega seu manuscrito. Quando chega o manuscrito, o que que o editor lê do manuscrito? Quatro coisas [...] primeiro, uma carta de encaminhamento [...] segunda coisa [...] título [...] que mais? autores [...] e depois? o abstract [...] pelo menos essas quatro, ou no máximo essas quatro [...] Lendo só isso, vocês acham que é difícil ou fácil negar? Muuito fácil! [...] o editor já está mal intencionado, ele tem que negar, certo? Então, eu tenho que convencê-lo a não negar de cara. Esse é o processo hoje, pessoal. (ZUCOLOTTO, 2015)³⁴

O que não está dito, nas considerações de Zucolotto e demais autores aqui focalizados, é que a principal “tendência” que se observa já há algum tempo nesse mercado – e que é o que de fato garante a estabilidade dos padrões e modelos de escrita científica por eles descrito – é a “tendência” da automação crescente dos processos de consumo de artigos científicos por uma combinação de máquinas e cérebros visando a triagem estratégica de uma avalanche permanente de informações. Conforme já apontavam Renear e Palmer num artigo publicado pela revista *Science* em 2009 (e também citado em Volpato, 2015), há muito os cientistas não leem mais textos inteiros e sim fragmentos, como títulos, resumos, conclusões e figuras, em função de suas necessidades: “O objetivo é avançar rapidamente através da literatura de modo a avaliar e explorar conteúdos com a menor quantidade de leitura possível” (RENEAR; PALMER, 2009, p. 829, tradução nossa)³⁵.

Trata-se, segundo esses autores, de uma “leitura estratégica” que, embora significativamente potencializada pela mediação tecnológica, ainda carecia, na época, de um conhecimento mais aprofundado das práticas reais de consumo desses textos. Mas, conforme assinalam em suas previsões para 2019, o aporte das chamadas tecnologias semânticas já estava transformando a literatura publicada num tipo de banco de dados estruturado, possibilitando, inclusive, a produção de metadados relacionados a buscas, vinculações e anotações transversais, ou seja, relacionando publicações de disciplinas e bancos de dados diversos.

Voltando à questão das metapragmáticas da escrita científica, talvez o que precisaria ser sistematicamente apresentado aos aprendizes fossem essas duas lógicas – a do editor em busca de uma razão para negar (não só linguísticas ou textuais) e a dos dispositivos humanos e robóticos de triagem estratégica (*skimming*). Só assim compreenderiam

³⁴ Idem, idem.

³⁵ “the aim is to move rapidly through the literature to assess and exploit content with as little actual reading as possible” (RENEAR; PALMER, 2009, p. 829).

melhor por que o texto do artigo científico nas chamadas áreas “duras”, protagonistas das políticas atuais de internacionalização da pesquisa universitária, tem se mantido “feito bula, feito receita de bolo, feito missa”, apesar da “pressão pela novidade”, como aponta Lira, e da “guerra” contra o (auto)plágio. Só assim poderiam avaliar melhor a função de uma “tendência” do mercado editorial transnacional, como a apontada por Zucolotto: “há uma grande tendência de usar títulos mais específicos que tragam já, no título, qual é sua principal contribuição pra grande área de pesquisa”³⁶. Procurar razões puramente intrínsecas ao texto enquanto manifestação de um pensamento inerentemente “lógico”, pode ser, portanto, demasiado simplificador.

Nesse sentido, seria relevante que os aprendizes compreendessem melhor por que o que chamamos de manobras de “estilo” dizem respeito a uma “lógica” específica, a da concorrência, que tanto é de natureza propriamente mercadológica quanto sociopolítica de performance identitária e posicionamento em escalas de poder e autoridade: a “pressão pela novidade”, mas também a discussão com editores e revisores, segundo Lira; a demanda pelo “impactante”, tanto em pesquisa quanto em divulgação da pesquisa, conforme Zucolotto.

E como essas lógicas funcionam concomitantemente, é provável que os aprendizes também percebessem com mais acuidade as tensões, contradições e ambiguidades daí advindas (o “desmantelo” descrito por Lira; o mercado dos “desesperados” apontado por Volpato), e que são constitutivas dos processos semióticos, mas também políticos e ideológicos, de internacionalização da pesquisa nos moldes aos quais aderiram as instituições orientadas pela “lógica” dos ranqueamentos. E seria importante lembrá-los de que processos políticos e ideológicos são sempre contestáveis e sócio-historicamente situados, e que todo apagamento disso seria também demasiado simplificador.

Considerações finais

Neste artigo foram apresentados os resultados do exame de materiais instrucionais orais e escritos, produzidos e/ou divulgados desde 2010 por instituições públicas de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo ativamente envolvidas em políticas de internacionalização da produção científica. Foram focalizados os modos de apreensão da escrita e seu funcionamento na comunicação científica, a filiação histórica e ideológica

³⁶ Cf. aula videogravada disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e968B1Pwlbs>. Acesso em: 08 set. 2017.

desses modos de apreensão, bem como as implicações para as metapragmáticas da escrita científica divulgadas pelos metadiscursos dos porta-vozes institucionais. Nesse sentido, foi destacada a instrumentalização da escrita (escrita como *techné*), inspirada pela tradição racionalista das ciências naturais, a referência à tradição escolar grafocêntrica de estudo do texto artefato associada à reivindicação de valores como criatividade, agentividade (ou “empreendedorismo”, segundo Volpato) e inovação como fatores de impacto no mercado editorial transnacional.

Também foram apontados modos de apreensão da mediação escrita nas práticas científicas que melhor contemplem o caráter sócio-historicamente situado dos parâmetros vigentes, bem como os componentes de natureza ideológica – com destaque para as ideologias linguísticas – que sustentam os metadiscursos dos porta-vozes focalizados sobre o que é “bom para a ciência” por um lado e, por outro, sobre que práticas e que perfis socioprofissionais são “genuínos”, isto é, verdadeiramente científicos.

Do que foi mostrado e discutido fica a convicção de que quando a linguagem científica, como tantas outras linguagens que se querem diferenciadas, não mais for retratada apenas como conjunto de unidades de estruturação de artefatos transparentes e autônomos, talvez possa ser melhor compreendido e posto em discussão seu preponderante papel na consecução de objetivos muito específicos, na afirmação de posições e identidades, na imposição de ideias, na potência de afetar e criar realidades, no exercício, enfim, de poder e controle na interação social em sentido amplo. E é justamente essa dimensão sociopolítica e ideológica dos recursos sociossemióticos que constituem a comunicação científica, em suas diferentes formas, que escapa completamente aos metadiscursos sobre a escrita científica aqui focalizados, ao mesmo tempo em que é por eles incarnada de forma exemplar. Caricatural até.

A dimensão caricatural desses metadiscursos talvez deva ser explicada pela função, a eles atribuída pelas instituições que os chancelam, de mediadores guardiães ventrílocos de um modelo de livre mercado acadêmico que, em nome da ciência “genuína”, racionaliza e naturaliza critérios de adesão e exclusão de tradições de pesquisa, grupos e perfis muito diversos que constituem, de fato, o fazer científico nessas instituições e que lhes garante a reputação, também em nível internacional. Nesse sentido, o monolinguismo do inglês, próprio desse mercado, é um fator a mais de neutralização de dissonâncias e críticas a esse modelo (HAMEL, 2007). Se, de fato, a internacionalização da produção científica tanto traz desafios quanto oportunidades, reduzem-se as oportunidades quando são simplificados os fatores aí envolvidos, inclusive os relacionados aos usos das línguas nas práticas de produção científica, como nos metadiscursos aqui focalizados.

- | Metapragmáticas da 'redação' científica de 'alto impacto'

Agradecimentos: aos colegas Pedro M. Garcez, Daniel Silva, Raquel S. Fiad e pareceristas anônimos, que contribuíram com suas críticas e sugestões a uma versão anterior.

Referências

AGHA, A. The social life of cultural value. **Language & Communication**, 23, p. 231-273, 2003.

_____. Registers of language. In: DURANTI, A. (Ed.). **A Companion to Linguistic Anthropology**. New York: Blackwell, 2004. p. 23-45.

_____. **Language and social relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

BARTON, D. **Literacy: An introduction to the ecology of written language**. Oxford, UK; Cambridge, USA: Blackwell, 1994.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poetics and performance as critical perspectives on social life. **Annual Review of Anthropology**, v. 19, p. 59-88, 1990.

_____. **Voices of modernity: Language ideologies and the politics of inequality**. n. 21. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

GEE, J. P. Orality and literacy: From the savage mind to ways with words. **Tesol Quarterly**, 20.4, p. 719-746, 1986.

_____. **Social linguistics and literacies: Ideology in discourses**. Routledge, 2015 [1990].

GOODY, J. **Domestication of the savage mind**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. **The Logic of Writing and the Organization of Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

GRAFF, H. J. **The Literacy Myth: Literacy and Social Structure in the 19th Century**. City, New York: Academic Press, 1979.

HAMEL, R. E. The dominance of English in the international scientific periodical literature and the future of language use in science. **AILA Review**, 20, p. 53-71, 2007.

HEATH, S. B. **Ways with Words: Language, Life, and Work in Communities and Classrooms**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: DURANTI, A. (Ed.). **Linguistic Anthropology: A reader**. Wiley-Blackwell Malden, MA, 2009. p. 402-403.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LIRA, S. Escrever é difícil. SBI-Sociedade Brasileira de Imunologia, 2013. Disponível em: <http://sbi.org.br/escrever-e-dificil/>. Acesso em: 06 set. 2017.

_____. De volta ao começo. SBI-Sociedade Brasileira de Imunologia, 2015. Disponível em: <http://sbi.org.br/de-volta-pro-comeco/>. Acesso em: 07 set. 2017

MEY, J. L. **Pragmatics**: An Introduction. 2nd ed. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

MOTTA-ROTH, D. Abordagens investigativas no estudo de práticas discursivas: uma questão de metodologia ou de bom senso? In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). **Linguística Aplicada e Contemporaneidade**. São Paulo: ALAB; Campinas: Pontes, 2005. p. 65-83.

MUSSIO, S. C. **Videoaulas de escrita/redação científica na internet**: um estudo bakhtiniano. 2016. 343 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2016.

OLSON, D. R. Learning to Mean What You Say: Toward a Psychology of Literacy. In: CASTELL, S.; LUKE, A. E.; EGAN, K. (Ed.). **Literacy, Society and Schooling**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

REDDY, M. The conduit metaphor—a case of conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-324.

_____. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem (I. Holsbach, F. B. Gonçalves, M. Migliavacca & P. M. Garcez, Trans.). In: GARCEZ, P. M. (Org.). **Cadernos de Tradução**, 9 (p. 5-47, 2000). Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS. [Tradução de REDDY, M. J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). **Metaphor and thought** (2ª ed., p. 164-201). Cambridge: Cambridge University Press, 1993.]

RENEAR, A. H.; PALMER, C. L. Strategic Reading, Ontologies, and the Future of Scientific Publishing. **Science**, 325, p. 828-832, 2009.

Scielo em Perspectiva. Ciência e vida: Entrevista – Homenagem ao Dr. Greene, 28.11.2014. Disponível em: <http://blog.scielo.org/blog/2014/11/28/ciencia-e-vida-homenagem-ao-dr-greene/#.Wc5zTq1DSb8>. Acesso em: 07 set. 2017.

SCRIBNER, S.; COLE, M. **The Psychology of Literacy**. Harvard University Press, 1981.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

- | Metapragmáticas da 'redação' científica de 'alto impacto'

SIGNORINI, I. Por uma teoria da desregulamentação lingüística. In: BAGNO, M.(Org.). **A linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 93-125.

_____. Literacy. In: STRAZNY, P. (Ed.). **Encyclopedia of Linguistics**. Routledge UK, New York, v. 1, Parte 13, p. 627-629, nov. 2004.

_____. Metapragmáticas da língua em uso: unidades e níveis de análise. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Situar a língua(gem)**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Legitimação de políticas científicas locais em função de demandas de internacionalização da universidade. **Cadernos CEDES** (no prelo).

SCHIEFFELIN, B. B.; WOOLARD, K. A.; KROSKRITY, P. V. (Ed.). **Language ideologies: Practice and theory**. v. 16. Oxford University Press, 1998.

SILVERSTEIN, M. Language structure and linguistic ideology. In: HANKS, R. C. F.; HOFBAUER, W. C. F. (Ed.). **The elements: a parasection on linguistic units and levels**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979.

_____. The uses and utility of ideology: Some reflections. **Pragmatics**, 2.3, p. 311-323, 1992.

_____. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. A. (Ed.) **Reflexive Language: Reported Speech and Metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 33-58.

_____. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, 23.3, p. 193-229, 2003.

SOARES, M. do C. S. **Manual de redação técnica e científica**. São José dos Campos: INPE, 2011. Disponível em: <http://urlib.net/8JMKD3MGP7W/3AUPKP8>. Acesso em: 07 out. 2017.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge, New York and Melbourne: Cambridge University Press, 1984.

TAYLOR, T. J. **Theorizing Language: analysis, normativity, rhetoric, history**. Amsterdam, New York, Oxford: Pergamon, 1995.

VOLPATO, G. L. **Dicas para Redação Científica**. Botucatu: Diagrama, Comunicação Gráfica e Editora, 2006.

_____. **Método lógico para redação científica**. Botucatu: Best Writing, 2011.

_____. “Cientistas não esperam pelo conhecimento”: entrevista com o professor Gilson Volpato. **Revista Agrogeoambiental**, v. 5, n. 1, p. 95-98, 2013. Disponível em <https://agrogeoambiental.ifsuldeminas.edu.br/index.php/Agrogeoambiental/article/view/525/457>. Acesso em: 07 set. 2017.

_____. A Corrosão da Educação na Farsa no TCC. Ciências Contábeis, 18.12.2014. Disponível em: <http://blogdonemac.blogspot.com.br/2014/12/a-corrosao-da-educacao-na-farsa-no-tcc.html>. Acesso em: 07 set. 2017.

_____. O Método Lógico para Redação Científica. **RECIIS - Rev. Eletron. de Comun. Inf. Inov. Saúde**, v. 9(1), 2015. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/932/1577>. Acesso em: 07.09.2017.

_____. Entrevista com o prof. Gilson Volpato: Pesquisador ou Cientista? Projeto Parasitologia Digital, 25.09.2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gUkRt_jVMPC. Acesso em: 07 set. 2017.

_____. Programa Questão de Ordem, da TV Assembléia Ceará. Entrevista exibida em 11.09.2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJWO3hFxPRQ>. Acesso em: 07 out. 2017.

ZUCOLOTTO, V. **Curso de Escrita Científica**: produção de artigos de alto impacto, 2013. Disponível em: http://www.nanomedicina.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=146&Itemid=216&lang=br. Acesso em: 07 set. 2017.

_____. “Escrita de artigos científicos de alto impacto”. **IEA, USP, Ribeirão Preto**, 28 de abril de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pfo0Pggm0u8>. Acesso em: 07 set. 2017.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: SIGNORINI, Inês. Metapragmatic instruction on high-impact scientific writing in São Paulo public institutions. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 59-85, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v14i3.2025>

Submetido em: 29/09/2017. | **Aceito em:** 09/11/2017.
